

POR UMA REESTRUTURAÇÃO DAS BIENAS DE SÃO PAULO

Instituto de arte contemporânea

Instituto de arte contemporânea

de usufrutos, arrancando-a do individualismo (e dos individualismos que naturalmente à sua volta se criaram) para lhe dar uma fisionomia mais acentuada; ou teria de ficar, mais cedo ou mais tarde, à merce de interesses talvez mais mesquinhos de quem a viesse a patrocinar valendo-se dessa estrutura sem definição tal como atualmente se apresenta.

Para ficar mais claro e até menos ilusório, cabe dizer que foi defendida a idéia, aliás nem nacional nem original, de que as grandes exposições internacionais, com a sua mentalidade geográfica e nacionalista ainda por cima temperadas por jogos menores de galerias e premios de duvidosa procedência, estão se tornando mais caso de polícia que de critica de arte. Um organismo da estrutura da Bienal pode, como se verifica, ser condenado a manter-se anatomicamente maleável a jogos sem regra. A consciência de tal fenômeno estimulou o grupo de trabalho a procurar dar um mínimo de condições à Bienal para ela não se comprometer fora de suas origens primeiras nem escapar ao seu destino maior.

Arrumar portanto a casa não seria mais vergonha para ninguém nem desafôro ou ingratidão para com o mecenas, mas sim a irremediável tomada de consciência e uma auto crítica que também colocasse um ponto final nas críticas pessoais feitas à escala de orgulhos ofendidos ou personalidades recusadas.

Verificou-se por isso e finalmente que, se a Fundação Bienal de São Paulo chegava à maturidade de digerir a sua própria problemática e aparelhar-se para enfrentar outras problemáticas de caracter artístico hoje em debate internacional, só lhe restava saber propor isso ao resto do mundo, enfim às entidades congêneres que padecem das mesmas enfermidades. Com o apêlo bem feito e sem perda de tempo, outras instituições que por serem mais velhas, como a Bienal de Veneza, encontram dificuldades na renovação, receberiam o estímulo motivado por um país mais jovem que não receia abalar estruturas nem teme o esforço de as recomeçar.

Já através da Bienal de Veneza dêste ano, e numa aproximação com outras entidades estrangeiras, se poderia começar por um regulamento comum, um rodizio de programas que, repetidos, poderiam dar maior dimensão aos trabalhos dos próprios artistas, e desencadear um diálogo que se faz cada vez mais urgente. Acreditou-se no sucesso de tal empreza e dela se fez mais de uma vez ponto básico nas conversações com a diretoria da Bienal. Acreditou-se que por aí se entrava num processo de combate à dúvida e à descrença que hoje se vão acrescentando ao acontecimento.

Para completar a razão de trabalho do grupo, não fossem já essas circunstâncias enumeradas suficientes, afirmou o Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho pretender atualizar os estatutos, nomear uma nova diretoria e procurar através de uma assembleia renovar o Conselho chamando para a entidade novos elementos, que tirassem a esses cargos o caracter simplesmente ornamental.

Veio juntar-se a tudo isso o fato auspicioso de ter o Ministério das Relações Exteriores assinado um convênio com a Fundação Bienal

dependerá, em grande parte, o conceito nacional e internacional das Bienais de São Paulo.

\* Sugerimos que, para as assessorias, sejam convocados representantes das entidades que patrocinam êste documento. Dêste modo, os profissionais que venham a exercer cargos ou a formar assessorias seriam, senão delegados oficiais, pelo menos grandemente responsáveis por seus atos junto a essas entidades de classe que, por intermédio dêste memorial, procuram colaborar na reestruturação da Bienal de São Paulo.

\* Apelamos, vivamente, para que a Fundação renuncie ao caráter isolacionista e suficiente que sempre a caracterizou, admitindo que a colaboração proposta pelas entidades que representamos, se fôr aceita com amplitude de visão cultural, poderá fazer com que a Instituição atenda mais de perto às exigências e aos conceitos da arte atual.

\* Como dissemos no item referente ao mecenato, mais uma vez pedimos que, também no plano econômico, a Bienal não só procure colaborações indispensáveis, como aceite as que lhe vierem, espontâneamente.

\* Sem renunciar ao isolacionismo anterior e sem essa revisão geral e reestruturação, que solicitamos, medidas terapêuticas por todos consideradas indispensáveis e urgentíssimas, nunca poderá a Bienal de São Paulo firmar-se no caminho que deve ser o de uma instituição cultural com tão grandes responsabilidades internacionais.

A publicação deste trabalho exige algumas explicações, sem as quais estaria sujeito a ser lido por angulos que não fossem os mais exatos. Explicações tão óbvias, o quanto é óbvio o projeto publicado. Mas, também o óbvio tem o seu lado sagrado — aquele em que muita gente acha mais cômodo não mexer.

Após o término da 8.<sup>a</sup> Bienal de S. Paulo, numa reunião com artistas e pessoas ligadas direta ou indiretamente à Bienal, fez o Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Fundação Bienal, afirmações julgadas por todos os que as ouviram, como um derradeiro reconhecimento das falhas de estrutura da instituição.

Confessou de boa fé estar necessitando de maiores colaborações, tendentes a darem à Fundação Bienal uma garantia de funcionamento no futuro, preocupação que o dominava presentemente, pois daqui por diante não deveria a Fundação depender mais de seu nome, de seu prestígio e até de seus recursos financeiros.

O grupo de profissionais que assina este trabalho prometeu, a pedido do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho levar o mais longe possível uma análise dos problemas, resumir as opiniões dos artistas — tornar enfim, mais palpáveis, as incertezas acumuladas e vividas em oito bienais. Assim se procurou em alguns meses de trabalho, reunir sugestões de artistas plásticos, arquitetos, escritores, críticos, e outras pessoas menos ligadas aos problemas levantados mas com o necessário bom senso para nos aconselhar; enquanto se foram analisando também as medidas que fossem sendo mais oportunas e realistas para o prosseguimento da Fundação Bienal.

Dessas reuniões e dessa análise se foi dando notícia ao Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho que, numa segunda reunião, agora com o grupo de trabalho, insistiu na confissão fria de necessitar a Bienal de uma reestruturação e de compreensão para todos os delicados pontos julgados essenciais para a sobrevivência da mesma.

Pareceu, portanto, a todos ter chegado o momento que exigia uma auto crítica, já não apenas do incentivador e presidente da instituição, mas agora de todos aqueles que, tal como os autores deste trabalho, se sentiram envolvidos no processo de manutenção da Bienal.

Colaboradores da entidade e da exposição, nunca estes lhes pouparam as críticas que se achavam necessárias e oportunas e não lhes negaram presença mesmo nos momentos em que se mostravam mais discutíveis o comportamento e a filosofia da instituição.

Se fôr levado em conta o fato de que a maior crítica já feita à Bienal tanto no país como no estrangeiro, era a de ela se manifestar de forma mais paternal que cultural, embora para isso tenha havido sempre uma justificação de circunstâncias, mais importantes se tornavam agora as afirmações e o pedido do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho e mais grave se configurava o momento.

Ou a Bienal de S. Paulo se comprometia definitivamente com as leis elementares das entidades culturais postas em vigor internacionalmente, dando assim à instituição maiores possibilidades de atuação e até

discussões que, no decorrer dos anos se mostraram bienalmente estéreis, preferindo dar-lhe edição que é ainda uma forma modesta de ficar jogado na gaveta.

Guardou-se por êste trabalho aquele carinho que se guarda pelas coisas que apesar de óbvias, demoram muito para definir e se concretizarem.

Carinho que é acrescido do fato de ter sido o trabalho executado sem qualquer remuneração ou qualquer outra forma mais simples de agradecimento, como é hábito encarar o trabalho intelectual inclusive na própria Bienal de São Paulo.

MARIA BONOMI — Gravadora  
FERNANDO LEMOS — Pintor  
MARIA EUGENIA FRANCO — Crítico de arte  
SALVADOR CANDIA — Arquiteto

Algumas das entidades mencionadas no relatório, informadas do andamento dos trabalhos aguardavam sua fase final para em diretoria os subscreverem. Devido ao curso dado pelos acontecimentos, achou-se mais conveniente assumir a responsabilidade total do presente documento.

cultura artística brasileira, pedimos a criação de departamentos culturais permanentes, que deveriam executar os projetos elaborados por assessorias especializadas, as quais funcionariam como uma Assessoria Geral de Planejamento.

\* Solicitamos que sejam essas assessorias formadas por especialistas de categoria, em cada campo, jamais por amadores. E, entre os especialistas, escolhido um, em cada especialidade, com tempo disponível para dirigir o departamento correspondente à assessoria de que fizesse parte. Haveria, assim, uma ligação entre os projetos e a execução dêles, sem perigo de desvirtuamento dos planos gerais, no momento de sua aplicação.

\* Embora independentes uns dos outros, essas assessorias e departamentos precisariam realizar um trabalho de inter-colaboração, servindo a todos os aspectos da difusão cultural das Bienais e do Museu de Arte Moderna, se viesse a fazer parte do organismo global, como no início.

\* Sugerimos, pois, a criação de assessorias técnicas, exercendo a função de órgãos planejadores e consultivos, e de departamentos culturais, como órgãos executivos dessas assessorias, nos seguintes setores: comunicação visual, difusão didática, educação artística superior, propaganda, relações públicas, artes plásticas, arquitetura, teatro, cinema, publicações e outros, que se forem revelando necessários.

\* O maior desenvolvimento possível seria recomendável ao setor de publicações, conforme já dissemos, no item referente ao apoio e estímulo a serem dados à crítica de arte nacional, que parcialmente se omite, por não ter veículos suficientes de expressão de seu pensamento.

\* Consideramos, por isso mesmo, imprescindível que a Fundação edite uma revista de arte, bi ou tri-lingüe. Além do nosso idioma, recomendamos seja editada em espanhol, para permitir sua mais efetiva penetração na América Latina, e em inglês, se fôr economicamente realizável, a fim de garantir a expansão internacional da cultura artística brasileira. Grandes críticos de outros países deveriam ser convidados a colaborar, analisando aspectos de nossa arte, também, para se habituarem a dar-lhes atenção mais séria.

## 8 — DA DIVULGAÇÃO, INFORMAÇÃO E APROVEITAMENTO

\* A invenção e aplicação de todos os métodos possíveis de divulgação e aproveitamento das Bienais caberia aos departamentos especializados, trabalhando em colaboração.

\* Conviria que a estrutura e os programas de ação dêses departamentos fossem elaborados de maneira a dar uma vitalidade permanente à Fundação Bienal de São Paulo, ou seja, à Fundação Francisco Matarazzo Sobrinho. Teriam êles atividade durante as mostras internacionais, e no intervalo delas. Permitira, assim, que o ensino visual espontâneo, trazido pelas grandes exposições do Ibirapuera, fosse aproveitado, em profundidade, por intermédio de

uma dinamização cultural de seus efeitos sobre o meio artístico de São Paulo e do Brasil.

\* Para ampliar a difusão e interessar áreas maiores da cultura internacional, organizaríamos esses departamentos, no período das Bienais, congressos, assembléias, encontros intelectuais, cursos de especialistas de renome nacional e internacional, conforme já sugerimos, incluindo cursos para a formação de jovens críticos de arte, cujo aparecimento é tão necessário quanto o de artistas moços. Promoveriam festivais e espetáculos diversos.

\* No campo do turismo, apelamos seriamente para que todos os esforços sejam coordenados, a fim de que o grande trabalho que representam as Bienais traga a São Paulo, vindo de diversas cidades de todo o Brasil, um número considerável de visitantes já informados sobre a exposição e seus atrativos complementares.

\* Insistimos sobre a imensa utilidade da divulgação do certame na América Latina e especialmente, nos Estados Unidos e outros países. A importância da Bienal deve ser considerada um fenômeno artístico para as Américas, se for inteligentemente aproveitada, como um fato de turismo ligado à expansão da cultura.

\* Por esse motivo, lembramos a necessidade de melhor estudo do calendário da mostra, sua duração, e aproveitamento de feriados e fins de semana, para estímulo turístico.

\* Achamos que toda a informação sobre a Bienal deve irradiar-se, nacional e internacionalmente, por métodos mais orgânicos, mais vivos e eficientes, utilizando todos os veículos modernos de propaganda. Conviria ligar o interesse cultural pelas Bienais ao País que, dando-lhes existência, também construiu Brasília e, outrora, cidades como Ouro Preto ou Salvador. Partindo deste conceito, a própria Bienal poderia organizar caravanas de viagens guiadas aos principais centros artísticos do Brasil, em colaboração com empresas de turismo.

## 9 — DA ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

\* Pedimos à nova diretoria da Fundação que se proponha uma reformulação dos estatutos e do regulamento interno, um exame lúcido das causas de suas falhas, para uma correção dos efeitos dessas falhas, no campo nacional e internacional.

\* Devem ser discriminados com clareza os cargos e as funções, para que atendam aos princípios internacionais que os regem, em todas as instituições culturais de categoria, isto é, os de serem confiados à autoridade profissional de especialistas reconhecidamente preparados para exercer esses cargos e suas funções.

\* Consideramos necessário serem dadas à secretaria da Bienal unicamente as atribuições executivas que de fato lhe cabem, sem subterfúgios através dos quais sejam desviadas funções subordinadas, em qualquer instituição cultural, ao estrito domínio de especialistas. Das possibilidades de trabalho concedidas a esses especialistas, nas várias assessorias, e de sua qualidade comprovada, como técnicos,

conferindo-lhe assim um padrão de grande obra cultural no país; o que, se não representa um alívio total na página das finanças é pelo menos uma ajuda considerável e dá uma forma irreversível à obra de arte, enquanto elemento de exposição internacional, aquele reconhecimento que também com o seu lado óbvio, não foi fácil obter. Foi então o trabalho de reestruturação norteador por esse esquema realista e que parecia, pelos motivos já apresentados, oportuno. Mas, por diversas razões, a conclusão deste trabalho coincidiu com dois fatos que foram decisivos para se reconhecer a sua inviabilidade: a nomeação da nova diretoria junto com a reeleição do Conselho, e a Bienal de Veneza.

O primeiro fato decepcionou todos aqueles que se dedicaram durante vários meses à elaboração do estudo que proporcionasse à Bienal o desembaraço de defeitos acumulados. Decepção também tiveram os que tomaram conhecimento pelos jornais de que o Conselho da Bienal continuava sendo a mesma galeria de nomes, honrosos para galeria, mas apáticos e aleatórios como Conselheiros.

É sabido, que a maioria desses Conselheiros não foram vistos uma única vez de visita à Bienal, salvo e talvez na inauguração.

Estava clara a pouca disposição desses Conselheiros (afinal responsáveis por uma certa agonia verificada no organismo) de se retirarem a favor de outros mais novos e atualizados.

Ficou assim evidente a dificuldade de se acreditar numa renovação que implicasse em gente nova e novos métodos de trabalho.

Também uma nova diretoria, mau grado ser formada por elementos do mais alto gabarito administrativo e social, deixou de lado e adiado, o problema mais grave de toda a questão, qual seja o de jamais ter achado indispensável a eleição de um Coordenador Artístico e no mesmo grau de poderes que foram dados aos diretores.

Essa questão foi-se aliás agravando nas duas últimas Bienais pois a ausência de um responsável nesse setor fez aumentar a agonia e foi dando aos improvisadores e irresponsáveis as suas melhores oportunidades.

O segundo fato, a Bienal de Veneza, para a qual a Fundação Bienal de São Paulo deveria transpor a chave da reestruturação e nela se fazer representar em termos mais compatíveis com a modalidade artística do que em termos administrativos, fechou as últimas esperanças de se tomar seriamente por base, qualquer consideração de carácter intelectual para soluções novas na Bienal de São Paulo.

Foram assim falhando uma a uma as garantias de uma verdadeira aceitação tanto do trabalho elaborado como de qualquer outra sugestão que, maior ou menor, pareceu só ir perturbar a tranquilidade interna da Fundação. Estavam sendo usadas linguagens diferentes para se referirem a coisas diferentes também. E sem garantias reais de haver alguém na cúpula interessado mais imediatamente na mesma operação, a confusão só poderia naturalmente aumentar.

Foi achado então conveniente recusar que o trabalho caísse ao alcance de promessas, mal entendidos e mais perda de tempo em

sugerimos algumas medidas julgadas úteis à recuperação do prestígio inicial das Bienais brasileiras.

Não pretendemos atingir pessoa alguma, com estas críticas e sugestões, muito menos a do criador das Bienais, Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, cuja devoção reconhecemos e admiramos. Julgamos, no entanto, necessário que, em benefício da Instituição e da cultura artística do País, sejam afastados todos os personalismos, para que a nova diretoria da Fundação possa adotar, com firmeza, providências solucionadoras da grave crise atual.

Os meios artísticos e culturais do País acham-se no dever e no direito de solicitar ao Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho que, como Presidente da Fundação Bienal de São Paulo, pondere, sem ressentimentos, o que lhe é observado e sugerido neste documento, tomando estas anotações como base preliminar para uma reforma profunda, ampla e atualizante da estrutura e do espírito das Bienais de São Paulo.

## OBSERVAÇÕES E CRÍTICAS

Nestas observações e críticas, assim como nas propostas de trabalho que apresentamos, evitamos a síntese por demais sumária e elementar, considerando que a importância da tarefa exigia explicações mais pormenorizadas de nosso pensamento, a fim de que nossas sugestões pudessem ser melhor justificadas e compreendidas.

### 1 — DO MECENATO

\* Criada sob o princípio do mecenato, a Bienal funciona, ainda, com os vícios patriarcalistas que caracterizam instituições mantidas por mecenas.

\* Atualmente, entretanto, o próprio mecenas que a instituiu reconhece com a mais aberta honestidade, não mais se justificar o patriarcado que distinguiu a Fundação, até agora, dadas as grandes subvenções federais, estaduais e municipais por ela recebidas.

\* O espírito de mecenato faz com que se apresente, perante organizações congêneres, do País e do exterior, como um organismo subalterno. Não representa propriamente o Governo de um país, como a Bienal de Veneza, mas o patriarcalismo de um mecenas, sua generosidade, mas também, suas arbitrariedades. Daí a falta de continuidade em sua direção artística, em seus serviços de secretaria e na organização geral. Sociologicamente, sua posição tornou-se falsa, quanto à realidade brasileira, desde que os poderes oficiais dela participam largamente.

\* Por sentir isso, o próprio Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho tende a abdicar de sua autoridade total, formando uma diretoria constituída de elementos capazes de administrá-la, e que possam continuar sua obra, sem desvirtuá-la. Urge, porém, que essa diretoria tenha como preocupação básica não manter os erros originados pelo mecenato.

\* Dê-lo, do mecenato, resulta, ainda, serem muito poucas as vantagens oficiais obtidas pela Bienal, que, nem mesmo junto à alfândega do País, tem as franquias que lhe seriam de direito.

Arte (AICA). Sabemos que, no estrangeiro, tendo em vista os setores nacionais das grandes exposições internacionais e das Bienais semelhantes à nossa, estas entidades têm promovido debates e elaborado conclusões práticas.

\* Assim, acreditamos que um diálogo aberto com os que resolveram o problema de maneira mais ou menos acertada, levaria a Bienal a um teto de condições básicas, sob o qual adaptar as questões que possam surgir, de exposição para exposição.

\* Como método prático e objetivo para a realização desse diálogo, sugerimos que a Fundação promova um Simposium Nacional sobre as Bienais de São Paulo, ainda este ano, e o mais cedo possível, enviando convites a personalidades estrangeiras interessadas pelo assunto. O estudo das teses apresentadas por artistas, críticos de arte e outros especialistas poderia levar as Bienais, certamente, a melhores soluções de seus problemas vários.

\* A respeito da organização das salas brasileiras, julgamos necessário, desde já, pensar-se na separação das apresentações de artistas com obra fundamentada das que divulgam jovens artistas, cuja qualidade fôr ainda suscetível de discussões que não forneçam garantias de historicidade e continuidade no processo cultural.

\* Outro aspecto sobre o qual insistimos é o da valorização das pesquisas de grupo ou de tendências, que se tem diluído, nas Bienais anteriores, dada a confusa distribuição das obras, nas salas gerais brasileiras.

\* Quanto aos Júris de Seleção e aos de Premiação, propomos que sua estrutura e métodos de trabalho sejam igualmente analisados pelas entidades a que nos referimos, em consulta internacional.

### 5 — DA MONTAGEM E INSTALAÇÃO

\* Deve a Bienal cuidar, e com ênfase cada vez maior, considerando-se a importância do certame, da programação visual da mostra, de sua iluminação, instalação e melhor aproveitamento do espaço. Numa exposição que ambiciona trazer tão grande progresso estético a um País, não é admissível que, desde sua apresentação visual, não seja ela uma paradigma de modernidade, perfeição técnica, como já dissemos.

\* Solicitamos que a localização das salas brasileiras (gravura e desenho, em particular) seja reestruturada, de forma a permitir melhor valorização das obras expostas.

\* No que se refere à instalação, sabemos que nossa proposta tem, no momento, um caráter utópico. Mas julgamos não ter o direito de deixar de sugerir a solução ideal: a construção de novo grupo de edifícios mais adequado a mostras e tarefas museológicas.

O Parque do Ibirapuera tem espaço bastante para outras construções amplas. Talvez, se fôsse estruturada a Fundação Francisco Matarazzo Sobrinho, segundo nossa anterior sugestão, e auxiliada pelo mecenato coletivo, por um grupo permanente de indústrias, este plano se tornasse realizável. Fazemos um apêlo às grandes empresas

brasileiras e estrangeiras radicadas no Brasil, a fim de que ajudem a execução deste projeto, tão importante para São Paulo e nosso País.

\* Além da utilidade que tem, por si mesmo, o plano facultaria a reintegração do Museu de Arte Moderna em seu anterior contexto, no conjunto da obra de seu criador, embora independente da Bienal. Como já dissemos, tôdas essas instituições culturais seriam unificadas por um só e mesmo esforço pelo nosso desenvolvimento artístico, de acôrdo com os princípios fundamentais da arte de nossos dias.

\* Evidentemente, o Museu de Arte Moderna e seus setores complementares necessitariam de um local próprio, que jamais pudesse ser prejudicado pela presença das Bienais, como sempre sucede. O edifício em que fossem localizadas aquelas exposições serviria, no intervalo delas, para o "Museu Vivo" e novas mostras de natureza internacional, como um Certame Internacional da Forma Gráfica, outro das Artes Industriais, etc.

\* Se essas unidades — Bienal e Museu de Arte Moderna — coexistissem, muito se ampliariam as possibilidades de educação visual, para o público de São Paulo, do Brasil e da América Latina, especialmente para os estudantes e as elites de todos os setores culturais e sociais.

\* Não foi outro o pensamento do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho. Só lhe pedimos que dê mais liberdade e autoridade aos que teriam condições econômicas ou culturais para ajudá-lo a realizar seus nobres projetos.

## 6 — DO SETOR DE VENDAS

\* Para dinamização do setor de vendas, sugerimos um plano de visitas organizado por este departamento e o de relações públicas, a fim de desenvolver maior interesse pela formação de coleções de arte, entre pessoas de vários graus de poder econômico, num estímulo direto à aquisição de obras expostas.

\* Acreditamos que deveria, também, a Bienal estudar uma promoção de vendas, ao serem apresentadas algumas salas da exposição noutros centros culturais brasileiros. Além do interesse artístico daí resultante, a que já nos referimos, seria mais uma natural expansão do mercado de arte, em maior área do País.

\* Outro aspecto importante a ser desenvolvido pelo mesmo setor, em colaboração com o de difusão didática, consiste na orientação educativa dos que, já sabedores das vantagens da obra de arte, como investimento de capital, ignoram, no entanto, as mais elementares noções das várias tendências da arte moderna.

## 7 — DA INEXISTÊNCIA DE DEPARTAMENTOS CULTURAIS ESPECIALIZADOS

\* Para que a Bienal, de um órgão cultural passivo, isto é, simples expositor de obras de arte, se transforme numa entidade capaz de colaborar, de maneira mais ativa, no processo de evolução da

## POR UMA REESTRUTURAÇÃO DAS BIENAS DE SÃO PAULO

A Bienal de São Paulo, apesar de sua intenção primeira — que é, em síntese, a de ampliar e divulgar a cultura artística do Brasil e promover o intercâmbio de idéias estéticas entre nosso País e os centros mais adiantados do pensamento contemporâneo — não alcançou senão parcialmente, os objetivos propostos.

Considerando-se a inteira consciência que sempre tiveram desses objetivos seu criador e seus vários diretores artísticos, é de estranhar-se que essa Instituição, como se reconhece em geral, se venha afastando, cada vez mais, de um programa cultural coerente, sobretudo a partir da 7ª e 8ª Bienais, realizadas sem planificação e sem a responsabilidade nacional e internacional efetiva de um coordenador artístico especializado.

Os erros e as omissões das primeiras mostras, cobertas pelo entusiasmo e esforço de realização da iniciativa, foram-se acentuando, dramaticamente, a ponto de contaminarem, hoje, todo o organismo e resultarem na estrutura confusa e amorfa do atual período da Fundação.

Por ser a Bienal de São Paulo o principal acontecimento artístico da América Latina e por estar seu destino estreitamente vinculado à cultura de nosso País, não é possível continuarmos presenciando, indiferentes, seu enfraquecimento cultural, a lenta agonia de seu significado, nem a decadência de seu conceito nacional e internacional.

Representantes da Associação Internacional de Artistas Plásticos (AIAP), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA, secção nacional da AICA, Associação Internacional de Críticos de Arte), do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), da Associação Brasileira de Desenho Industrial (ABDI), do Conselho Internacional de Museus (ICOM), da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), da Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT), da Comissão Estadual de Teatro (CET), da Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC), do Serviço Nacional de Teatro (SNT), da Comissão Estadual de Cultura, da Comissão Municipal de Cultura de vários Departamentos da Universidade de São Paulo (FAU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e outros), da Universidade Mackenzie, da Universidade Católica, após demorada análise dos problemas ligados à Bienal de São Paulo, concluíram, unânimemente, pela necessidade de apresentação de novas propostas de trabalho, visando a provocar estudos para uma reestruturação e reorganização das Bienais, por todos considerada urgente e indispensável.

Estas propostas resultaram da verificação objetiva das falhas diversas que vêm ocasionando ao presidente da Fundação a nossa mesma preocupação e descontentamento, pelo receio de que os resultados negativos dessas falhas ameacem o êxito presente e futuro daquela importante exposição internacional.

Assim, verificamos o que passamos a expor e, conseqüentemente,



foram enviadas a outras cidades do Brasil. Nem sequer cuidou a Bienal de documentá-las, fotograficamente, ou de promover estudos críticos, aproveitando a oportunidade difícil e rara de estarem formadas retrospectivas de artistas que ocupam posição destacada na história da cultura nacional.

\* Também não estimulou a crítica de arte brasileira que, reduzida às limitadas possibilidades de alguns jornais e revistas, onde conta, na maioria dêles, com um espaço mínimo (excetuando-se alguns suplementos literários), não pode desenvolver-se, na proporção em que se ampliam as artes visuais no País. Tem esquecido a Bienal que o desenvolvimento da crítica de arte é vital e imprescindível à sua própria divulgação, a um melhor aproveitamento e aprofundamento de suas finalidades.

#### 4 — DA ORGANIZAÇÃO DAS SALAS BRASILEIRAS E DOS JÚRIS DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO

\* O conceito de formação das salas nacionais, nas Bienais de São Paulo, vem-se mostrando inconveniente. Daí surgirem, sempre, grandes conflitos, resultantes de um critério de seleção arbitrário, por não ser regulamentado. Sujeito, por isso, aos fatais e humanos personalismos dos jurados e aos erros de julgamentos feitos à pressa. Jamais cuidou a Bienal de prolongar o prazo para seleção das obras, compensando o uso do tempo pessoal dos membros dos Júris por uma remuneração, que seria das mais justas, considerando-se, ainda, o trabalho técnico dêesses especialistas.

\* Os artistas principiantes e os que já possuem obra formada, tendo trazido importante contribuição à história da arte brasileira, são tratados pela Bienal e, conseqüentemente, pelos Júris, em igualdade de condições. Cada Bienal exhibe apenas, nas salas gerais do Brasil, um amontoado heterogêneo de obras, sem nenhum critério quanto às gerações ou o desenvolvimento das várias tendências estéticas surgidas, de ano para ano, no intervalo das Bienais.

\* Não cuidou nunca a Bienal de fazer um balanço dessas tendências, procurando situá-las em relação a um dos fenômenos da arte contemporânea, ou da internacionalização da arte. São nossos artistas apresentados com um caráter restrito a uma visão local, o que diminui o valor efetivo de suas contribuições individuais, aos olhos da crítica especializada estrangeira e, até mesmo, da nacional. Deveriam ter estas, nas Bienais, possibilidades mais completas de visão panorâmica de nossa evolução artística.

\* No item referente à organização das salas brasileiras, não está o regulamento da Bienal elaborado com a perspicácia e o sentido cultural que seriam aconselháveis. Conviria modificá-lo, para maior rendimento dos resultados obtidos e a fim de proteger-se de críticas a diretoria da exposição, diante dos inevitáveis desapontamentos pessoais sofridos ou criados por artistas descontentes.

\* Quanto às salas especiais brasileiras, também não estão regulamentadas, nem obedecem a qualquer critério, além do princípio de apresentação da obra dos artistas premiados, reunida

\* Assim, também, se reergueria o Museu de Arte Moderna de São Paulo, com benefício para a própria Universidade de nosso Estado, pois aquele precioso acervo se manteria em sua integridade e com maiores recursos financeiros. Caberia aos juristas interessados pelo problema encontrar a forma legal de refundirem-se essas entidades, da maneira mais proveitosa para o meio artístico e cultural da cidade.

\* Outra vantagem de uma Fundação Francisco Matarazzo Sobrinho — concebida como o todo que era, na verdade, em sua concepção original — seria estimular o mecenato coletivo, para ela canalizando várias firmas ou pessoas interessadas em colaborar no desenvolvimento cultural do País. Conforme sucede em Fundações semelhantes norte-americanas e européias, cada novo mecenas patrocinaria uma iniciativa nova, dando-lhe ou não seu nome, de acôrdo com as necessidades do fato. Haveria, dêste modo, um maior número de personalidades interessadas pelo progresso da entidade, sem nenhuma dispersão de verbas e esforços, e com maiores possibilidades de serem conseguidas leis e franquias diversas, pela participação mais operante do poder público.

#### 2 — DO PRESTÍGIO NACIONAL E INTERNACIONAL

\* Para uma expansão, em total amplitude, dêesse prestígio, solicitamos o estabelecimento de diálogo e intercâmbio com organizações culturais estrangeiras, o que traria à Bienal imensas vantagens de caráter promocional no exterior. O mesmo princípio deveria ser seguido no que se refere a instituições nacionais.

\* Dêesse diálogo, conviria que surgisse a realização de convênios nacionais e internacionais, de modo a estimular maior atuação dessas entidades na própria dinâmica da Fundação. Seria o caminho para que se ampliassem as conseqüências de uma difusão racional de suas possibilidades culturais.

#### 3 — DA INATIVIDADE EM RELAÇÃO AOS ARTISTAS NACIONAIS

Solicitamos, com grande empenho, sejam atendidas as sugestões seguintes, por nos parecerem vitais para a vida artística do Brasil:

\* Promover continuamente a Instituição o artista nacional e a arte brasileira, em várias regiões do País e no Exterior, de acôrdo com um plano organizado, e segundo um prosseguimento justo e lógico, baseado numa escala de valores, em que sobretudo os premiados nas Bienais tivessem o apoio necessário para a divulgação contínua de suas obras. Assim se valorizaria a própria premiação distribuída pelas Bienais.

\* Criar, no intervalo das Bienais e no próprio recinto delas, o que chamaríamos de "Museu Vivo", isto é, uma galeria de arte permanente da Fundação Bienal, onde os valores nacionais premiados ou reconhecidos pelas Bienais apresentariam sempre seus trabalhos mais recentes, como um estímulo à atualidade e continuidade de suas pesquisas. Sômente por intermédio de uma realização dêesse

tipo se tornaria possível reunir, em caráter contínuo e dinâmico, obras mais ou menos fundamentais de arte brasileira. Essa galeria, controlada pelos próprios artistas, seria um recurso para orientação imediata de colecionadores pouco informados, sobretudo estrangeiros de passagem pelo Brasil. Ao redor desse "Museu Vivo" mais e melhor se justificariam e completariam as atividades culturais que a Fundação deveria realizar, permanentemente.

\* Possuindo a Fundação Bienal de São Paulo um Arquivo de Arte Contemporânea e a Seção de Arte da Biblioteca Municipal de São Paulo, um Arquivo Documentário de Arte Brasileira, e estando ambos êstes importantes setores paralizados, por falta de verbas especiais e de funcionários, sugerimos convênio entre essas entidades, para que a documentação sobre o patrimônio brasileiro seja atualizada e unificada. Estudos sérios deveriam ser realizados, a fim de que sua localização seja estabelecida onde fôr mais conveniente para o meio artístico e as consultas dos especialistas, desde que êstes dois arquivos se completariam, reciprocamente.

\* Favorecer em cada Bienal, a circulação nacional e internacional das "salas especiais" brasileiras. Não se ignora que o trabalho de organização destas é muito difícil e dispendioso. Cumpre, portanto, dêle extrair o máximo rendimento, pois às vezes se apresentam como oportunidades únicas.

\* Estabelecer prêmios de incentivo à crítica de arte nacional, com valores correspondentes à importância do trabalho e na proporção das laureas concedidas aos artistas, uma vez que a crítica é, também, uma forma de expressão estética. Considerando-se que êses prêmios seriam principalmente estímulo aos jovens escritores de arte, solicitamos que a Bienal encomende aos críticos mais categorizados, pagando-lhes a um preço digno, estudos aprofundados sobre artistas brasileiros que se destacaram, em Bienais anteriores.

\* Realizar a Fundação documentários cinematográficos, em curta metragem, sobre grandes artistas brasileiros ou aspectos da arte nacional, o que também resultaria num apoio a nossos cineastas.

\* Promover a concessão de bolsas de estudos para artistas brasileiros jovens e consagrados, estudantes de crítica de arte, de estética e para críticos de renome, facultando suas pesquisas e possibilidades de atualização objetiva de informações; para professores de história da arte, arquitetos e professores de faculdades de arquitetura, encenadores, cenaristas, cineastas, artistas gráficos, críticos de cinema e teatro.

#### 4 — DA ORGANIZAÇÃO DAS SALAS BRASILEIRAS E DOS JÚRIS DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO.

\* A organização das salas das Bienais, para representantes brasileiros, sempre poderá necessitar de modificações atualizantes. Sugerimos que uma ampla consulta seja feita a entidades nacionais e internacionais especializadas, como a Associação Internacional de Artistas Plásticos (AIAP) e a Associação Internacional de Críticos de

## 2 — DO PRESTÍGIO NACIONAL E INTERNACIONAL

\* Consideramos não estarem sendo realizados os esforços necessários para que a Bienal tenha projeção nacional e internacional, na proporção correspondente à imensa importância do fato cultural e artístico que representa, para o Brasil e a América Latina.

A imprensa européia dela se ocupa superficialmente. Os grandes órgãos do rádio, da televisão e da imprensa norte, centro e sul-americanos não são estimulados a dar-lhe cobertura suficientemente larga e esclarecedora, capaz de trazer, como resultado, maior interesse cultural pela mostra e a dinamização de um movimento turístico orientado para sua visitação.

\* O mesmo se poderia dizer, a rigor, da imprensa brasileira falada e escrita, nos vários Estados. Nem mesmo esta recebe das Bienais o estímulo, as informações complementares e a assistência que seriam recomendáveis. Por isso, com exceção das colunas de crítica especializada, nossa imprensa, nas notícias que atingem o grande público, focaliza a Bienal principalmente em relação ao "fato jornalístico" de sua inauguração, abandonando-a como assunto, logo em seguida.

\* Tendo sua vida estreitamente ligada ao Itamarati, limita suas atividades de contacto com países participantes e relações por intermédio de embaixadas estrangeiras e, às vezes, através de embaixadas brasileiras no exterior. Por outro lado, nem sempre envia emissários em condições de convencer as autoridades dos países que nela figuram a empreenderem esforços no sentido de bem apresentar as salas solicitadas.

\* Veja-se, como exemplo, a Sala do Surrealismo, na 8ª Bienal, espelho caótico, medíocre e incompleto de um dos mais importantes movimentos estéticos contemporâneos. É de lamentar-se que oportunidades como esta se percam assim, comprometendo a Bienal, desvalorizando-a e ao próprio país que a organiza.

\* Como reflexo de seu pouco prestígio, foi a Bienal passivamente abdicando de sua responsabilidade cultural de âmbito nacional e internacional, para transformar-se, cada dois anos, em enorme mas confuso armazém de arte. Pouco ou nada tem obtido, em campo nacional e internacional, para os artistas brasileiros, comparadamente ao que outros países dela têm extraído.

## 3 — DA INATIVIDADE EM RELAÇÃO AOS ARTISTAS NACIONAIS

\* A Bienal não se tornou, como era de esperar-se, uma plataforma para apoiar e projetar o artista nacional e a arte do Brasil, nos grandes centros culturais do exterior, como o fazem, aliás, vários países que dela participam, em relação aos artistas aqui premiados. Nunca promoveu exposições individuais ou coletivas brasileiras no exterior e pouco tem influído nas que são organizadas pelo Governo.

\* Nem mesmo no plano local, realizou uma divulgação coerente dos artistas premiados e arquitetos consagrados, que têm merecido salas especiais. Estas salas, apesar de toda a sua importância, nunca

\* Nenhuma promoção especial a favor das vendas tem sido realizada. A estatística das aquisições efetuadas naquele setor revela a sua impressionante inoperosidade. A Bial não estimula a visita de pessoas, cuja categoria social e econômica lhes permite tornarem-se interessadas na aquisição de obras de arte nacionais e estrangeiras. Sabe-se que inúmeras personalidades brasileiras, com poder aquisitivo alto, nunca visitaram as Bienais, mesmo quando têm certo interesse real ou potencial por arte moderna. Não criou a Fundação, como lhe seria fácil e, na verdade, é parte de seus deveres, novas áreas de colecionadores.

\* Contudo, não se pode deixar de reconhecer que, como fenômeno cultural, o desenvolvimento do comércio de arte, nos últimos anos, resultou, parcialmente, da existência das Bienais. Este fato não diminui, porém, a culpa da instituição, quanto à passividade de seu setor de vendas.

## 7 — DA INEXISTÊNCIA DE DEPARTAMENTOS CULTURAIS ESPECIALIZADOS

\* Tem faltando às Bienais de São Paulo a existência de departamentos especiais, com funções educativas determinadas e altamente dinâmicas, planejadas de maneira a atrair, continuamente, a atenção dos interessados e do público.

\* Esta carência faz com que as Bienais aconteçam como fenômenos isolados, sem o preparo de uma publicidade de caráter didático bem programada, não havendo uma estrutura estética e pedagógica ligando uma a outra, o que é uma das causas de falharem estas exposições, parcialmente, em sua função educativa principal. Não pode a orientação ao público ser considerada satisfatória, quando se limita à atuação de um errado conceito de monitores.

\* Sem esses departamentos, sobretudo sem um setor mais eficiente de assistência e estímulo à imprensa em geral, e à crítica especializada em particular, como já dissemos, a Bial não conseguirá, senão em pequena escala, promover o enriquecimento artístico do País.

\* Também não fez a Bial nenhum acôrdo ou contrato com entidades culturais de São Paulo, de capitais dos Estados e cidades do interior do Brasil, assim como de centros culturais dos países participantes, principalmente das Américas, de maneira que colaborassem com a Fundação, por intermédio de iniciativas artístico-educacionais corolárias às desta grande exposição e para ela canalizadas.

\* Não soube aproveitar a presença de importantes especialistas estrangeiros, que nos visitaram, organizando cursos, conferências melhor programadas e difundidas ou, pelo menos, criando a possibilidade de um diálogo cultural mais íntimo entre essas personalidades e a elite intelectual e estudantil brasileira.

\* Outro gravíssimo ponto em que a Bial se omitiu inteiramente é o das publicações. Nunca lançou edições próprias sobre o certame, além dos catálogos gerais e especiais. (Estes últimos, aliás, são enviados pelos países participantes.) Não realizou livros, albuns ou

pequenos folhetos sobre as salas gerais e especiais brasileiras. Nem sequer cuidou da publicação de uma revista de arte, para circular ao menos durante o certame, reunindo estudos críticos sobre os principais aspectos da exposição.

## 8 — DA DIVULGAÇÃO, INFORMAÇÃO E APROVEITAMENTO

\* O fracasso da exposição de arquitetura da 8ª Bial, bem como a de teatro e a do livro, mostra que a crise se acentuou no que se poderia chamar o próprio pensamento da Bial.

\* Esta ausência de departamentos culturais especializados, a que nos referimos, dificultando as possibilidades de expansão e divulgação imediata da exposição, também limitou seus campos de aproveitamento. Exemplo que não se pode deixar de lamentar é a improdutividade, no plano da utilização cultural, das salas especiais brasileiras.

\* Um dos setores mais abandonados, praticamente sem existir, é o do turismo. Não realizou a Fundação nenhum trabalho sério junto a Departamentos de Turismo do País e do exterior, utilizando as exposições internacionais do Ibirapuera como pretexto para maior influência de visitantes a São Paulo e, conseqüentemente, a outros centros artísticos do Brasil. Não tem ocorrido à Instituição e a esses órgãos especializados a grande fonte de divisas e de possibilidades de desenvolvimento do comércio brasileiro de arte, que favoreceriam, se fizessem um programa de ação, neste sentido, abrangendo principalmente a América Latina e os Estados Unidos.

\* Outro problema da maior importância e ainda não satisfatoriamente resolvido é o do tempo de duração da mostra, que nos parece insuficiente, para tão grande esforço, e mal colocado, em função dos calendários estudantis, não abrangendo nunca o período de férias, em que seriam mais possíveis as viagens. Também tem sido negligenciado um melhor aproveitamento dos feriados e dias próximos aos fins de semana, para os visitantes de fora.

\* Cabe reconhecer que a mínima projeção das Bienais — até mesmo dentro da própria cidade de São Paulo, dado o reduzido número de visitantes que a procuram, nos dias comuns — é resultado de outra grave carência: a de um serviço de propaganda bem organizado, capaz de esclarecer a opinião do público sobre a utilidade da exposição e dinamizar sua vida interna e externa.

\* A Fundação também não aproveita suas possibilidades de contactos nacionais e internacionais, para promover bolsas de estudos destinadas a artistas e especialistas de várias categorias, no setor das artes em geral.

\* Total passividade das Bienais tem sido a característica mais marcante delas, logo depois de inauguradas. Este silêncio e esta inatividade que as dominam, durante os três meses em que permanecem tão importantes mostras internacionais, cada dois anos, num dos maiores centros culturais do Brasil, podem ser considerados sua lacuna mais impressionante. Geralmente, é um dos pontos mais lamentados por toda a elite brasileira. E, o que

nos parece ainda mais grave: as observações já feitas sobre o assunto, ao longo dos anos, são recebidas com indiferença por seus organizadores.

## 9 — DA ESTRUTURAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

\* Todas as falhas apontadas são diretamente resultantes da errada estruturação e defeituosa organização das Bienais de São Paulo.

De onde decorre que esta, não podendo adaptar-se a exigências culturais maiores surgidas com a natural evolução do meio artístico, foi entrando progressivamente em crise.

\* Os erros de constituição e de estrutura fizeram com que as várias diretorias se tornassem inoperantes, em algumas questões fundamentais. Como consequência, a partir da 7ª Bienal, uma aglomeração de poderes recaí sobre a secretaria geral. A propósito, chamamos a atenção para o parágrafo 5º do Regulamento Interno da Fundação, verdadeiramente pernicioso, porque dá tais poderes a esta secretaria, órgão cujas funções deveriam ser apenas burocráticas. Assim se desvirtua o exercício intelectual de uma diretoria cultural, das assessorias especializadas e de um coordenador artístico indispensáveis.

\* Toda esta nefasta conjuntura está corroendo a Bienal, sua mecânica interna, a missão cultural e educacional que ambiciona, seu prestígio dentro e fora do País.

Baseados nas observações e críticas já indicadas, sugerimos novas experiências de trabalho de estruturação, que expomos, a seguir.

## 1 — DO MECENATO

\* Propomos que a Fundação Bienal de São Paulo, seguindo o exemplo de outras entidades similares estrangeiras, adote o nome de seu fundador.

\* Esta medida, além de ser muito justa, em relação ao criador de tantas iniciativas da maior importância para nosso meio artístico, permitiria fossem de novo reunidas, sob uma só inspiração cultural, os vários organismos e patrimônios, vindos dessa idêntica origem. Ao invés de se dispersarem e fragmentarem, formando múltiplas instituições incompletas e secundárias.

em quantidade maior do que a dos demais artistas. Nem mesmo se exige que sejam retrospectivas ou que correspondam à técnica na qual foi premiado o artista, o que seria mais acertado, para justificação e confirmação do prêmio.

## 5 — DA MONTAGEM E INSTALAÇÃO

\* Outro grave prejuízo causado, em tôdas as Bienais, especialmente às salas brasileiras, decorre das deficiências de montagem da Exposição, que inclusive dificulta a vigilância e a própria visitação da mostra.

\* Os artistas nacionais são sempre sacrificados, dispostos mais ou menos arbitrariamente ou com uma sumária separação por tendências, mas sem valorização de suas obras e de seus conjuntos. Principalmente as salas de gravura e desenho ficam muito desvalorizadas pelas pouco satisfatórias condições técnicas do espaço que lhes é reservado.

\* Cumpre reconhecer à diretoria da Fundação terem sido feitas as montagens das Bienais com uma quase total omissão das atuais leis museológicas de exibição, iluminação e informação visual. Este fato ameaçador torna-se indesculpável, num certame que deveria ser um modelo de apresentação e planejamento, exatamente pela circunstância de reunir as artes plásticas, a arquitetura, o teatro, o cinema e as artes gráficas.

\* Ainda mais se salienta esta lacuna técnica, quando em confronto com algumas salas estrangeiras bem projetadas, como a dos Estados Unidos, por exemplo, na 8ª Bienal.

\* O acertado aproveitamento do espaço, nesse conjunto, sua simplicidade e inteligente valorização das obras expostas poderão provar, aos responsáveis pelas Bienais, que não basta juntar obras de arte lado a lado, mas saber destacá-las e valorizá-las.

A mediocridade verificável na apresentação visual das Bienais de São Paulo contrasta com sua ambição cosmopolita.

\* Quanto à instalação, é sabido que os pavilhões do Ibirapuera foram concebidos para servir a certo tipo de feiras de duração esporádica e rápida, não a exposições de natureza museológica.

Exposições de arte realizadas na baixada do Ibirapuera exigiriam, a rigor, melhores condições tecnológicas de proteção das obras contra a umidade do local e do próprio clima da cidade. Como não se ignora, a inadequação do edifício tem sido obstáculo para o envio de obras de arte de valor, que exigem perfeita ambiência técnica e climática, mesmo durante um prazo de tempo relativamente pequeno.

## 6 — DO SETOR DE VENDAS

\* Têm tido os artistas outro desapontamento nas Bienais: a mentalidade passiva do setor de vendas.

\* Aguarda este setor num balcão, como se fôsse numa loja, os compradores que já possuem o hábito de adquirir obras de arte, independentemente das Bienais.